

A didática no ensino superior – um grande desafio

Orleane Forte Ferreira
Vanderlúcia das Neves Carneiro
Flávio Augusto Rocha Franco
Rocilda de Castro Mota Jerônimo
Ana Cláudia Sales Rocha Franco
Maria Creuza da Silva Carvalho



10.29327/223013.13.1-3

RESUMO

O ensino superior tem a necessidade de docentes qualificados, visto que, o corpo discente é formado por adultos, os quais são exigentes no tocante ao ensino. Os estudantes universitários, por já possuírem uma personalidade formada e por saberem o que querem, antes não exigiam de seus professores mais do que competência para transmitir os conhecimentos e sanar suas dúvidas. Hoje esta situação se apresenta diferenciada, pois existe a necessidade e preocupação educacional com a preparação dos professores para o ensino superior, contudo, frente às demandas da sociedade do século XXI, algumas recomendações didáticas foram propostas, visando alavancar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos do ensino superior.

Descritores: Ensino Superior. Didática. Ensino. Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo, não se verifica preocupação no âmbito educacional, quanto à preparação dos professores do ensino superior, pois os seus alunos eram adultos e não necessitaria do auxílio de pedagogos.

Atualmente, essas questões não estão sendo aceitas, visto que, o professor universitário não necessita apenas dos conhecimentos da sua disciplina, como também, ter habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz e satisfatório.

Diante disso, precisamos ter a consciência do papel do professor, como também sabermos que os alunos nos dias atuais são críticos no seu processo de ensino e aprendizagem, e que a cada momento estão avaliando o que é apresentado em sala de aula.

Assim, pensar sobre didática no ensino superior, é refletir sobre as práticas realizadas nos diversos espaços sociais e acadêmicos. Diante disso, o ensino superior também está tensionado pelas novas políticas de avaliação externa, as quais cobram dos docentes posturas antagônicas: de um lado produzir a qualquer custo, de outro, encontrar saídas criativas para tornar o ensino significativo, mesmo quando os currículos tornam-se pouco a pouco, frágeis e descontextualizados.

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções.

Nesse artigo vamos refletir as possibilidades da Didática no ato de ensinar e aprender nesse mundo contemporâneo.

2 UM BREVE RELATO SOBRE A DIDÁTICA

A Didática surgiu em 1657 e enfrenta o desafio de lidar com uma educação que se abria às massas. Essa questão foi sua tarefa inicial, ensinar tudo a todos. Muitos teóricos seguem a proposta inicial de Comenius, quer produzindo reflexões didáticas fundamentais como apresentadas por Rousseau, Herbart, Dewey, quer produzindo práticas escolares inovadoras como as propostas por Pestalozzi, Montessori, Freinet, dentre muitos.

No entanto, essas ideias e propostas estiveram sempre mais atenuantes à educação básica. A questão do ensino superior não estava posta à Didática. Nas escolas de ensino superior de hoje estão tendo que enfrentar o mesmo problema que foi o detonador inicial da Didática e assim passamos a refletir sobre as possibilidades desse diálogo: didática e ensino superior.

A maior dificuldade que os professores enfrenta refere-se à falta de preparo dos alunos para acompanhar as aulas, pois trabalhar com alunos desmotivados, sem desejo de aprender, que não tem nenhum interesse pelo conhecimento não alcançaremos os objetivos desejados.

Diante disso, o que tem a Didática a dizer os professores que se defrontam com alunos que se negam a entrar em situação de aprendizagem?

O problema não está somente para os professores, mas também para os alunos, pois aqueles que buscam uma aprendizagem, se deparam muitas vezes com professores que não se esforçam para explicar bem a matéria, não possuem didática ou ainda não sabem se relacionar com os alunos. As dificuldades são de ambas as partes.

Mas o problema não está somente no professor e aluno, mas também nas instituições, onde muitas delas só estão preocupadas se os alunos estão satisfeitos e ainda pressiona o professor para oferecer ao aluno o que ele deseja, dessa forma fica difícil para o professor colocar-se num processo de ensino fundamentado na prática social, conforme indica a Didática; ao aluno fica difícil interagir nessas circunstâncias. Franco (2010) afirma que só a ação docente, realizada como prática social, pode produzir saberes disciplinares, saberes referentes a conteúdos e sua abrangência social, ou mesmo saberes didáticos, referentes às diferentes formas de gestão de conteúdos, de dinâmicas da aprendizagem, de valores e projetos de ensino.

Saberes pedagógicos são fundamentais para o professor colocar-se criticamente entre essas lógicas que afrontam sua dignidade profissional. Saberes pedagógicos podem auxiliar o professor a se colocar em condição de dialogar com as circunstâncias, de compreender as contradições, de articular teoria e prática, desde que as condições objetivas de sua prática sejam razoáveis.

Não quero afirmar que os saberes pedagógicos resolvam a situação das dificuldades pedagógicas que estão rondando o ensino superior. Quero tratar tais saberes pedagógicos como facilitadores de conhecimentos sobre a condução, a criação e a transformação dessas mesmas práticas.

O que mais me chama a atenção é a presença concomitante de duas lógicas: a do professor que deseja um aluno que pergunte, que se coloque intelectualmente, que crie, que pesquise e, de outro lado, a lógica dos alunos que deseja um professor que explique, que conte, que sistematize por ele. Lógicas divergentes e que caminham em direções opostas. O saber pedagógico só pode se constituir através do próprio sujeito. No entanto, a maioria dos docentes do ensino superior não desenvolveu tais saberes.

A grande dificuldade em relação à formação de professores é que, se quisermos ter bons professores, teremos que formá-los como sujeitos capazes de produzir ações e saberes, de modo articulado a seu compromisso social e político. Não dar para formar professores como objetos dotados de habilidades e competências, instaladas de fora para dentro, sob forma de fazeres descobertos por outros, que nada significam na hora da prática.

Qual a perspectiva que a Didática pode oferecer frente a essa situação? O papel do conhecimento didático não é o de prescrever teorias que guiem o ensino dos professores. O trabalho docente é um trabalho intelectual, requer autonomia e consciência crítica para analisar o que acontece com o ensino (dentro e fora da sala de aula) e o modo como o contexto social mais amplo se relaciona com a função social do trabalho docente, tendo como horizonte finalidades educativas pretendidas e sua concretização, pois o ensino é uma atividade teórico-prática transformadora da realidade, ou seja, o ensino é práxis. E assim reafirmamos: a práxis não muda por decreto ou por norma. Ela muda quando o sujeito percebe a necessidade de mudar e percebe também que possui condições favoráveis para tal.

Como relata Pimenta (2000), o esforço da Didática será o de dispor conhecimentos pedagógicos aos professores, não porque apresente diretrizes válidas para qualquer situação, mas porque permite realizar uma autêntica análise crítica da cultura pedagógica, o que facilita ao professor debruçar-se sobre as dificuldades concretas que encontram em seu trabalho, bem como superá-las de maneira criadora.

É nessa perspectiva, da análise, da compreensão e da transformação das práticas pedagógicas, nestas incluídas as práticas docentes, que Didática e pedagogia necessitam caminhar em mútua e contínua articulação. A sala de aula não existe isolada do contexto educacional. É completamente irreal pensar qual a Didática sozinha possa produzir mudanças na prática docente. A Didática pode produzir teorias que dialogam com as práticas. No entanto, para a existência desse diálogo, são necessárias condições de trabalho ao docente. O professor exaurido em múltiplas tarefas, sem espaço/tempo para discutir um projeto pedagógico coletivo não conseguirá transformar as condições que oprimem o ensino.

É por esta razão que proponho um caminhar articulado da Pedagogia e da Didática, na perspectiva de um projeto pedagógico coletivo que reúna ações e propostas integrando as lógicas discentes, docentes e administrativas.

Se o objeto da Didática for configurado a partir das práticas pedagógicas da docência, ela funda-se na elaboração de seu corpo de conhecimentos com a teoria pedagógica, com a Pedagogia como ciência. Assim deixaria de ser uma teoria do ensino para ser uma teoria pedagógica da docência, ou melhor, para não confundir com a Pedagogia, sou tentada a afirmar que caberia à Didática ser uma teoria da formação, substituindo então, teoria de ensino por teoria da formação. Como teoria da formação ela se alimentaria dos pressupostos da ciência pedagógica, ao mesmo tempo em que forneceria os elementos para a contínua revisão dos fundamentos teórico-práticos da Pedagogia. Ao invés de considerá-la como teoria de ensino, proponho-a como teoria da formação.

Como teoria da formação, a Didática estará em condições de reverter seu caráter aplicacionista com o qual historicamente conviveu e de oferecer subsídios para a formação dos sujeitos implicados na tarefa de ensinar, fundando-se numa perspectiva crítico- reflexiva, que trará possibilidades de reconstruir as condições de trabalho docente.

3 DIDÁTICA: DESAFIOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM

Por um longo período prevaleceu no âmbito do Ensino Superior que para se capacitar um bom professor neste nível, necessário seria dispor de comunicação fluente e vasto conhecimentos relacionados à disciplina que pretendesse lecionar.

A justificativa dessa afirmação fundamenta-se no fato de o corpo discente das escolas superiores ser constituído por adultos, diferentemente do corpo discente do ensino básico, constituído por crianças e adolescentes. Dessa forma esses alunos não necessitariam do auxílio de pedagogos. Os estudantes universitários, por já possuírem uma “personalidade formada” e por saberem o que pretendem, não exigiriam de seus professores mais do que competência para transmitir os conhecimentos e para sanar suas dúvidas. Por essa razão é que até recentemente não se verificava preocupação explícita das autoridades educacionais com a preparação de professores para o Ensino Superior. A preocupação existia, mas com a preparação de pesquisadores, ficando subentendido que quanto melhor pesquisador fosse mais competente professor seria.

Atualmente, as pessoas envolvidas com as questões educacionais que aceitam uma justificativa desse tipo. O professor universitário, com o de qualquer outro nível, necessita apenas de sólidos conhecimentos na área em que pretende lecionar, mas também de habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz. Além disso, o professor universitário precisa ter uma visão de mundo, de ser humano, de ciência e de educação compatível com as características de sua função.

4 DIDÁTICA TRADICIONAL X DIDÁTICA MODERNA

A didática se caracteriza como mediação entre as bases teóricas da educação escolar e a prática docente. Ela é o elo entre “o que fazer” e “como fazer” no processo pedagógico. Esse papel de síntese entre a teoria pedagógica e a prática educativa real assegura a interpenetração e interdependência entre fins e meios da educação escolar e, nessas condições, a didática pode construir-se em teoria do ensino.

Como arte, a didática não objetiva apenas o conhecimento pelo conhecimento, mas procura aplicar os seus próprios princípios à finalidade concreta que é a instrução educativa. Enquanto arte de ensinar, a didática é tão antiga como o próprio ensino. Contudo a preocupação científica com a constituição, organização e estruturação da didática deu-se, inicialmente no âmbito do ensino primário, estendendo-se, em seguida, para o campo do ensino médio. É somente na segunda metade do século XX, que esta preocupação atinge o ensino superior.

A problematização deste prejuízo contribuiu enormemente para o desenvolvimento de uma didática específica do ensino superior. Desde então, a comunidade acadêmica vem tomando consciência de que somente domínio do conteúdo ministrado em aula, não é suficiente para ensinar. É preciso, também, no ensino superior, aprender a ensinar.

Numa perspectiva histórica e em qualquer um dos níveis de ensino, pode-se falar de uma didática tradicional e uma didática moderna, com uma atenção específica para o ensino superior.

No âmbito da didática tradicional, o professor é responsável em transmitir, comunicar, orientar, mostrar. É ele quem avalia e dá a última palavra. Assume uma postura autoritária em relação a seus educandos. Essa autoridade evidencia-se também, na organização física da sala de aula. As carteiras ficam enfileiradas e a mesa do professor no centro e em alguns casos com uma elevação no piso, para assim, ele conseguir visualizar todos os alunos e impor sua disciplina e autoridade.

Dessa forma o aluno vê o professor como, detentor do conhecimento e poder, cabe a ele, somente ouvir, assimilar, repetir e algumas vezes, se for solicitado, responder a algum interrogatório. O aluno é limitado, pouco participa do seu processo de aprendizagem. Sua tarefa principal é memorizar os conteúdos.

O método de ensino acentua a transmissão de conhecimentos, ou seja, a transmissão do saber acumulado, com um aspecto repetitivo de aprendizagem. O professor era o detentor do conhecimento, e o conteúdo era transmitido aos alunos e se eles apresentassem dificuldades eram intimados a estudar mais, ou caso contrário seriam reprovados.

Na história da Didática, também ocorreram momentos em que a importância do aprender predomina sobre o ensinar. O momento inicial deste predomínio, dá-se com Rousseau, no século XVIII para em seguida, ser amplamente desenvolvido pelo movimento da Escola Nova, no século XX.

A partir desta perspectiva, o professor deixa de ser sujeito do processo de ensino-aprendizagem e passa a ser orientador das situações de ensino.

O professor, hoje, é aquele que ensina o aluno a aprender e a ensinar a outrem o que aprendeu. Elemento incentivador, orientador e controlador da aprendizagem. Porém, não se trata aqui de um ensinar passivo, mas de um ensinar ativo, no qual o aluno é sujeito da ação, e não sujeito-paciente. Em última instância, fica evidente que o professor, agora, é o formador e, como tal, precisa ser autodidata, integrador, comunicador, questionador, criativo, colaborador, eficiente, flexível, gerador de conhecimento, difusor de informação e comprometido com as mudanças desta nova era.

No desempenho adequado do papel do professor, o que não se pode deixar de cumprir são as funções inerentes ao exercício de uma docência produtiva. O professor, agora, tem o papel de coordenar as atividades, perceber como cada aluno se desenvolve e propor situações de aprendizagens significativas. Torna-se um orientador que remove obstáculos à aprendizagem, localiza e trabalha as dificuldades do aluno, elabora aulas a partir das necessidades geradas e da interação acadêmico-professor, em sala de aula.

Cabe a ele, como mediador dos saberes, dominar a estrutura dos conteúdos, construir a sua estrutura do saber e do saber fazer, de forma organizada, clara e significativa, e ver seus alunos sob outra perspectiva, bem como o trabalho conjunto entre colegas, que favorece também a ação do outro. Além de pensar na elaboração de aulas diferentes, o professor deve contextualizá-las incluindo-as em um planejamento de curso mais dinâmico e completo, fornecendo informação coerente e de forma clara e progressiva. Assim, a preparação do professor universitário no Brasil, é ainda bastante precária. A maioria dos professores brasileiros, que lecionam em estabelecimentos de ensino superior, não passou por qualquer processo sistemático de formação pedagógica. Porém, esse cenário vem, aos poucos, sendo mudado. Há estabelecimentos de ensino superior isolados oferecendo cada vez mais cursos de Metodologia do Ensino Superior, em nível de especialização, para que o professor seja na escola de hoje, um facilitador, está mais próximo de seus alunos e aberto ao diálogo. Ele é o organizador do espaço da sala de aula, o conhecedor dos objetivos e dos conteúdos da disciplina. É o responsável pela escolha das técnicas mais adequadas para o correto desenvolvimento dos trabalhos didáticos. É o planejador das atividades discentes em sala. É o avaliador constante de todo esse processo.

O professor, ao lançar um conhecimento novo, é aquele que, no início da aula, conversa com seus alunos, contextualiza o conteúdo a ser ensinado, dar muitos exemplos, questiona. Só então, juntamente com o aluno o elo entre o aprender e ensinar.

A partir da didática moderna, o professor é o orientador de aprendizagem, em que os alunos são sujeitos críticos e participativos do seu processo de ensino e aprendizagem. O professor coordena as atividades percebendo como cada aluno se desenvolve e propõe situações de aprendizagens significativas, deverá desafiar, estimular, ajudar os alunos na construção de uma relação com o objeto de aprendizagem.

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Eles não só transbordam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas.

Na escola de hoje, o foco muda de direção e o aluno passa a ser considerado o centro do processo de ensino e aprendizagem. A aplicação da didática moderna tem possibilitado a formação de alunos que ultrapassam as barreiras da mera assimilação de conteúdo. Portanto, é importante que os professores estejam sempre se qualificando para aplicar o conteúdo de acordo com as necessidades e interesses dos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que as práticas docentes universitárias precisam se utilizar dos fundamentos de métodos ativos, na perspectiva de uma didática crítica, mesmo sabendo que tais métodos, por exigirem a participação efetiva dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, podem criar novas contradições nas aulas, na medida em que não se deva abrir mão da qualidade do processo de ensino, que deve se pautar pelo rigor do conhecimento, pela capacidade de lidar com problemas complexos, pela capacidade de raciocinar criticamente, de argumentar frente a problemas postos, além de atitudes de autoconfiança, autodisciplina, capacidade de agir na urgência. Assim se deve fugir da prática sem a ciência, o que seria um mero empirismo, o que não é a perspectiva do ensino na universidade. Saliento também a necessidade de formar jovens capazes de pensar com autonomia e produzir ideias próprias, com rigor e criatividade.

A aula na universidade deve buscar conciliar os princípios de um ensino universitário clássico com as demandas atuais de profissionalização, garantindo a prática de autonomia intelectual, de cientificidade nos conhecimentos, de articulação e diálogo entre as lógicas docentes e discentes.

O caminho da Didática transformando as práticas na Universidade está começando, há muitas pedras a serem contornadas e muito chão árido a ser construído. O que nós pedagogos, voltados à área da Didática não podemos deixar ocorrer a disseminação da representação de que a Didática nada tem a dizer, ao contrário, acredito e reafirmo que será a Didática o grande instrumento que poderá transformar as práticas docentes do ensino superior.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C.R.O que é Educação? São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). Rumo a uma Nova Didática. 19ª. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.
- CUNHA, M. I. da. O Professor Universitário na Transição de Paradigmas. Araraquara. J.M., 1998.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v.31, n.3, p.483-502, 2005. Disponível em Scielo - Scientific Electronic Library On-line: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 22 mar. 2013.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 2000.
- GIL, Antonio Carlos. Metodologia do Ensino Superior. 3ª ed. São Paulo. Atlas, 1997.
- HOFFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-Escola à Universidade. Porto Alegre. Mediação, 1998.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.
- LISITA, Verbena. Didática e Formação de Professores: um estudo sobre as possibilidades da reflexão crítica. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- MACHADO, Marcos. A (des)construção das práticas de ensino do bacharel docente. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos. Unisantos. Santos, 2012.
- PERISSÉ, Gabriel. A arte de Ensinar. São Paulo. Francisco Luna, 2004.
- PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (org). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo. Cortez, 2002.
- SANTOS, Boaventura Sousa. A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo. Cortez, 2005.
- SILVA, Geraldo Rodrigues da. Professor Universitário dos cursos de Administração e Ciências Contábeis: saberes e práticas. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos. Unisantos. Santos. 2012.